Penalidade máxima

Esmeralda Ribeiro[1]

No campo da vida só entro com pé direito,
tenho a inveja como adversária.
Chuto e marco um gol,
fica um a zero para proteção espiritual.
Haja tempo, tem tempo para marcação,
tem tempo para prorrogação, para provocação,
na concentração da vida evoco anjos, arcanjos,
e todas proteções divinas.

De noite, de dia, treino esse trem chamado pênalti,
mas, a infeliz da inveja marca homem a homem,
às vezes meu chute bate na trave,
mas, sou crake, sou defesa, sou atacante,
evito o olho gordo,
às vezes são quarenta e cinco minutos,
às vezes são noventa minutos de tensão,
às vezes são meus guardiões que tem a dimensão.

---

[1] Poetisa, contista e ensaísta brasileira. É jornalista, e uma das coordenadoras do Quilombhoje. Participa, como palestrante, de conferências e seminários nos quais aborda a experiência da escrita feminina. Além de contínua e consistente colaboração, como poeta e contista, em várias publicações, especialmente nos *Cadernos negros,* publicou, individualmente, *Malungos e milongas* (1988), *Orukomi* (2007); e em coautoria *Afro Brailizan Mind* (2007) e *Black Notebooks* (2007), lançados nos EUA.

O dia começa e a vida apita, novos campeonatos,
mais torcidas.
Mudam os adversários, ora risonho, ora zombeteiro, ora carrapato.
A inveja pisa nas linhas da vida do meu campo espiritual.
Existe alguma regra secreta para expulsar esse mal?

Para inveja a vida é um campeonato,
por isso, meu goleiro é um ancião que guarda em segredo
todas as minhas proteções.

No campo urbano de faróis e avenidas,
a inveja armada é cruel,
quando temos sorte relaxamos na grama
dos nossos íntimos vestiários.
O placar fica zero a zero.
Pior quando a inveja armada quer ganhar o campeonato,
nas madrugadas frias sob a temperatura
forte das emoções,
a inveja armada é o árbitro e é quem decide,
o tempo de prorrogação, no mata, mata,
a inveja armada dá cartão vermelho e expulsa vidas.
É por isso que o meu goleiro é um ancião que guarda em segredo
todas as minhas proteções.